



ARTIGO ORIGINAL

TRABALHO E EXCLUSÃO: UM ESTUDO DE CASO NA PERIFERIA DE PORTO ALEGRE/RS, BRASIL

Luís Carlos Borges dos Santos

Graduado em História (PUCRS) e em Administração de Empresas (UFRGS), Mestre e Doutorando em História (PUCRS), Professor do Centro Universitário IPA Metodista.

Bolsista da CAPES

RESUMO

Este trabalho visa entender o modo como os moradores da Vila Quinta do Portal, situada na periferia da cidade de Porto Alegre-RS, têm como entendimento as relações de trabalho e exclusão, em seu cotidiano. No primeiro momento abordaremos brevemente a formação da Vila Quinta do Portal, de forma que possamos compreender o contexto social que norteia esta comunidade, tais como as estruturas habitacionais e a organização sociocultural. Para tanto, no valeremos dos estudos de Santos (1979); Guareschi (1992); Paugam (2004). Logo em seguida teorizaremos os conceitos de trabalho e exclusão social, com base na história oral de alguns moradores da Vila Quinta do Portal. Atenta-se também para as questões referentes à construção da imagem da mulher trabalhadora.

Palavras-chave: sociologia urbana; Periferia; história oral.

ABSTRACT

This work has to understand how the residents of the Village Quinta do Portal, located on the outskirts of Porto Alegre-RS, is understanding the relationship of work and exclusion in their daily lives. At first briefly discuss the formation of the Village Quinta do Portal, so that we can understand the social context that guides this community, such as residential structures and socio-cultural organization. Therefore, in the valeremos studies of Santos (1979); Guareschi (1992); Paugam (2004). Soon after theorize the concepts of work and social exclusion, based on oral histories of some residents of the Village Quinta do Portal. It is also attentive to issues relating to the construction of the image of working women.

Keywords: urban sociology; periphery; oral history.

1. VILA QUINTA DO PORTAL: UMA VISÃO QUANTITATIVA

Este artigo visa entender o modo como os moradores da Vila Quinta do Portal, situada na periferia da cidade de Porto Alegre-RS, compreendem as relações de trabalho e exclusão em seu cotidiano, com base na história oral de alguns moradores.



Porto Alegre, RS, a exemplo de tantas cidades brasileiras, não é, hoje, uma cidade fácil de ser administrada. Desemprego, crescimento populacional desordenado, tantos outros fatores que os administradores ao longo dos anos tentam resolver. Porto Alegre não é apenas uma cidade na qual os olhos possam se deparar com a extrema beleza tão divulgada nos meios midiáticos. E podem doer, por outro lado, contemplando paisagens onde a miséria parece ter alcançado a sua extremidade. Num desses extremos está a vila Quinta do Portal, localizada mais especificamente na periferia do Bairro Lomba do Pinheiro, na cidade de Porto Alegre.

Neste primeiro momento pretendendo esclarecer alguns pontos básicos que terão importância para a melhor compreensão dos teóricos que serão citados no decorrer de todo o trabalho. Para tanto, me valho dos estudos de Milton Santos (1979), onde o autor, em sua análise acerca da periferia, aborda de forma quantitativa as estruturas geográficas com ênfase na estrutura urbana. Pedrinho Guareschi (1992), em seu livro Sociologia da prática social, onde discute a problemática básica de uma sociedade de classe, usando aplicações interligadas para o campo das relações de trabalho. E Serge Paugam (2004) em sua obra “O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social”, onde o autor fundamenta sua análise teórica nos fenômenos sociais diferenciados, tais como o desemprego, a marginalidade e a discriminação.

Para concatenar aos aportes teóricos, me valho da História Oral¹ dos moradores, esta metodologia auxilia de maneira significativa as percepções que os moradores têm acerca da proposta Trabalho e Exclusão. Para ALBERTI (2005, p.155):

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.

Utilizando-se da história oral, para o estudo de caso, é proporcionar uma maior veracidade acerca do trabalho desenvolvido. Para DARNTON, (1996, p.14). “O historiador etnográfico estuda a maneira como as pessoas comuns entendiam o mundo”,

¹ THOMPSON, P. (1992, p. 137), "A evidência oral, transformando os objetos de estudo em sujeitos, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira".



nesta citação percebemos que cada indivíduo enquanto sujeito histórico compreende e interpreta uma representação particular do ocorrido. Segundo PORTELLI (1997, p.49):

A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito assim como a sociologia e a antropologia a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que elas tiveram na vida de cada uma. Portanto, apesar de o trabalho de campo era importante para todas as ciências sociais, a História oral é por definição impossível sem ele.

A história oral ligada à antropologia e sociologia, cria embasamento suficiente para legitimar-se, para tanto, esta metodologia transforma os objetos de estudos em sujeitos históricos, contribui para uma história mais viva, pois a oralidade reproduz as narrativas da memória, que por sua vez são narrativas de identidade, na medida em que o sujeito mostra como ele vê a si mesmo. Considerar o objeto de estudo neste caminho é propor uma forma indutiva das percepções da historiografia tradicional como afirma PETERSEN (1997):

[...] apelo a uma história que, em vez de estudar as lideranças, se interesse pela base, em vez de estudar os sindicatos e os partidos dos políticos, se dedique ao estudo da cultura operária em vez de focalizar a mão-de-obra organizada, volte sua atenção para a grande maioria dos trabalhadores que nunca chegaram a fazer parte de um sindicato. (COSTA 1990, p.4 Apud PETERSEN1997, p.63).

A fim de promover um melhor entendimento acerca da proposta Trabalho e Exclusão, é preciso primeiramente entender que o crescimento das periferias foi acentuado durante a década de 1950, quando o Brasil atravessava a segunda fase de sua industrialização², fatores estes que proporcionaram um grande êxodo rural. Conforme um levantamento feito pela Secretaria municipal de Habitação (Demhab) na década de 1950 na cidade de Porto Alegre, o aumento foi vertiginoso, o número de periferias cresceu quase seis vezes em pouco mais de meio século, já respeitando o aumento da população. Segundo o levantamento, em 1951 existiam 16 mil favelados na Capital, o

² O segundo governo Vargas propunha avançar na montagem de infra-estrutura para o desenvolvimento econômico, possibilitando a integração da indústria pesada de bens de capital e de insumos e aplicando capitais públicos nos empreendimentos estratégicos, tais como petróleo, eletricidade e siderurgia. Vargas tinha como objetivo promover uma integração vertical da industrialização e, para isso, buscou uma aliança com os Estados Unidos, através de empréstimos públicos e colaboração técnica. (EVANS, P. A tríplice aliança – as multinacionais, as estatais e o capital nacional no desenvolvimento dependente brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980, P.28).



equivalente a 3,89% da população. O último levantamento habitacional, feito há 8 anos, aponta cerca de 21,31% da população, que viviam em bairros de infraestrutura precária e surgidos a partir de invasões. Não há dados atuais sobre a população favelada, mas a secretaria municipal da habitação estima cerca de 290 mil famílias careçam de moradia digna.

Vários fatores contribuíram para o avanço das periferias em Porto Alegre, a primeira onda está vinculada à mecanização da agricultura em função da monocultura da soja e da modernização dos métodos da pecuária fez com que milhões de pessoas migrassem para a capital em busca de novas profissões, vieram e ficaram muitos deles desempregados³.

Segundo SANTOS:

Um indivíduo não é mais pobre ou menos pobre porque consome um pouco menos ou um pouco mais. A definição de pobreza deve ir além dessa pesquisa estatística para situar o homem na sociedade global à qual pertence, porquanto a pobreza não é apenas uma categoria econômica, mas também uma categoria política acima de tudo. Estamos lidando com um problema social (1979, p.10)

Já na década de 1990, os moradores de áreas irregulares dizem que se viram obrigados a invadir terrenos do governo porque não tinham condições de pagar aluguel. Mesmo aqueles que tinham casa própria argumentam que não tinham conseguido suportar os impostos; historicamente as origens das periferias são econômicas, desde os meados do século XX os empregos se degradam no país, principalmente aqueles ligados às atividades braçais; para BOURDIEU (2006 p11)⁴.

O conceito de periferia não pode ser definido apenas por meio de uma noção espacial, mas também como unidade definida de maneira negativa pela dominação simbólica e econômica, mas os que dela participam podem lutar para alterar sua definição e inverterem o sentido e o valor das categorias estigmatizadas.

No entanto, na Vila Quinta do Portal observa-se muito as reclamações acerca da falta de trabalho. Entenda-se que a baixa escolaridade e a falta de formação especializada condicionam na dificuldade de encontrar serviço, o que significa não

³ Fonte: Jornal Zero Hora. Caderno Geral. O Rio Grande Favelado. 26 de agosto de 2007. p. 38.

⁴ Procurei utilizar dos conceitos de BOURDIEU neste momento, devido a concepção empregada na questão do simbólico e imaginário presente na periferia, acerca do entendimento de pertencer ao ambiente. Visto que nas falas dos entrevistados a palavra “somos da vila” era constante.



receber sequer salários mínimo, quanto mais pagar um aluguel. Desse modo as áreas habitadas seriam as partes periféricas das cidades. Segundo CORRÊA⁵:

O estudo do processo de expansão periférica deve basear-se no entendimento do desenvolvimento capitalista no Brasil, bem como nas suas conseqüências para a estruturação do espaço urbano das cidades em geral, visto que a periferização representa a acumulação desigual de capital, refletida nas condições de moradia, fator determinante da segregação espacial urbana. (1989. P.27)

A Vila Quinta do Portal situa-se no Bairro Lomba do Pinheiro⁶, surgiu no início dos anos de 1990, com a venda de terrenos por uma pessoa que se afirmava proprietário das terras.

- Quando eu vim morar aqui na Vila em 1994, fiquei sabendo que esses terrenos eram de uma pessoa, e ele teria ganhado como herança esse terreno [...] ai ele fez um loteamento e começou a vender, só que na hora da entrega dos lotes a prefeitura interditou o que aconteceu foi que a prefeitura não podia regularizar porque era uma área de preservação ambiental, mas tarde fiquei sabendo que essa pessoa era um golpista, e foi embora. (M.F.31 anos morador da Rua F vila Quinta do Portal⁸).

A descrição desse morador é ilustrativa daqueles que adquirem terrenos em loteamento clandestino. Durante a pesquisa de campo pode-se observar há presença de um aglomerado com especificidades que o constituem em área populacional subnormal. Zona de contraste social num espaço físico homogêneo, os sinais de depredações são marcantes. O terreno é baixo e acidentado destruído periodicamente pelas chuvas que

⁵ Este autor analisa as formas desiguais de capital, tornado-se fatores fundamentais para a formação da periferia. Concatenado as ideias de BOURDIEU e CORREIA, penso que estes autores contribuem de significativa, para um entendimento mais amplo, primeiro com base nas representações sociais, o segundo baseado na economia como fator primordial.

⁶ O Bairro Lomba do Pinheiro se localiza na região leste de Porto Alegre, na divisa com o município de Viamão. De ocupação inicialmente rural, teve seus lotes subdividido de menores dimensões, até fins dos anos 1940 havia no bairro, aproximadamente, 200 habitantes. No princípio da década de 1950, o ritmo de crescimento do bairro aumenta, sendo resultada, em grande parte, do estímulo ao desenvolvimento industrial do país. Ao final da década de 1950 moram no bairro cerca de 4.000 habitantes. Fonte: FREIRE, Eduardo Duarte, Lomba do Pinheiro. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, 2000 (Memória dos Bairros). Disponível em: <http://www.portoalegre.rs.gov.br> Acesso em: 6/06/2010.

⁷ Utilizarei as reticências para recortar as falas dos entrevistados, usando somente as falas que estão ao encontro da proposta desse trabalho, procurei deixar em itálico as entrevistas para diferenciar das citações.

⁸ Para preservar as identidades dos entrevistados, utilizaremos somente as iniciais dos nomes: M..F e N.C.



ocorrem durante o ano⁹. Neste momento pergunto para o morador como é a participação dos moradores para tentar organizar a comunidade:

- Para viver a aqui é preciso ter nervos de aço, além do acesso que é muito difícil não temos asfalto, há regiões que temos que ir a pé quando chove a chuva desce barro de cima pra baixo, já em mil novecentos e noventa e poucos foi aprovados cento e cinquenta mil e nada foi feito. (M.F)

Não se verifica a menor tentativa dos órgãos públicos para a planificação da rua, as habitações são dispostas de maneira aleatória, o que vem a demonstrar a originalidade do amontoado, procurando atender as necessidades individuais. Não há indícios de qualquer planejamento prévio visando melhorar o modo de vida das pessoas.

Segundo a moradora:

- Não vejo que tem futuro aqui no Portal, cada vez aumenta mais as malocas. Vivo aqui há 11 anos e não vejo transformações da parte dos governos [...] em época de eleições eles colocam um tipo de asfalto, e nada mais, não temos o básico que é um esgoto [...] tem moradores aqui que fazem suas necessidades jogam na rua por não ter banheiro [...] há! Eu pequei meu salário e fiz uma caixa de esgoto e fiz meu banheiro, mas tem gente que não tem o que comer como irã fazer um banheiro, né? (N.C)

As inexistências de um sistema de infraestrutura sanitária e da mínima noção de higiene estão presentes, tornando-se habitual o despejo de dejetos na superfície do terreno. Observa-se muito o desemprego masculino, aumentando o índice da presença do homem no lar, também ocasionando discussões periódicas, provenientes da própria tensão social. Segundo Paugam (2004, p.16): “o excluído encontra-se fora dos universos materiais e simbólicos, sofrendo a ação de uma espiral crescente de rejeição, que culminará na incorporação de um sentimento de auto-exclusão.”.

2. TRABALHO E EXCLUSÃO NA VILA QUINTA DO PORTAL

A segunda parte desse artigo se destina ao estudo sobre o posicionamento dos moradores frente a conceitos de exclusão e trabalho¹⁰. A precariedade das condições socioeconômica, a marginalidade, são fatores que norteiam o cotidiano dos moradores

⁹ Ver Anexo.

¹⁰ Para tornar mais explicativo estes conceitos, utilizamos um questionário socioeconômico, com questões que se abordam, as principais características a serem analisadas: Escolaridade. Trabalho. Vivência. Objetivos. Em nenhum momento da entrevista expliquei os conceitos de trabalho e exclusão, preferi ouvir e construí acerca dos depoimentos as estruturas teóricas-metodológicas.



da Rua F. O fenômeno da pobreza¹¹, com as características que lhe são inerentes condiciona os moradores a um tipo de conduta vivencial. Tentarei descrever, através das entrevistas feitas, as formas de vida dos moradores e respectivamente das mulheres trabalhadoras que convivem, no seu dia-dia, as percepções acerca da exclusão e trabalho.

Os diálogos ocorreram seguindo um roteiro, pré-elaborado com a finalidade de orientar a conversa, acerca da proposta. Essa conversa correu no Bar do Renato¹², local onde aos sábados à noite a predominância feminina é constante. O trabalho¹³ profissional feminino está presente de forma “mascarada”¹⁴ demonstrada na fala da moradora no Portal¹⁵, a concepção patriarcal¹⁶ encontrar-se presente de forma significativa.

Acho que o trabalho foi feito para o homem. A mulher deve saber fazer as coisas de casa e pronto. Têm muitas que não sabem fazer nada. Lugar de mulher é mesmo no fogão e no tanguê (...) é importante à mulher trabalhar e estudar, mas nós mulheres temos que cuidar dos filhos e do marido. (N.C. 29 anos. Moradora da vila Quinta do Portal).

Essas afirmações aparentemente revelam as perspectivas do mundo particular da mulher, o entendimento acerca do trabalho fica evidenciado em suas estruturas familiares. Para MARX (1985.p.191.)

Consiste em uma população trabalhadora excedente, produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base no capitalismo e que se constitui em alavanca da acumulação capitalista, até uma condição de existência do modo de produção capitalista.

¹¹ Para GUARESCHI, P. A pobreza pode ser identificada como a carência ou a escassez de bens que atendam às necessidades básicas a uma vida digna em sociedade. (1992.p.117).

¹² Este bar está localizado na rua F, Vila Quinta do Portal, não pude tirar foto do Bar devido à falta de autorização. Nos anexos, na foto três aparece uma saliência da fachada do Bar. (ver anexo).

¹³ A definição de Trabalho, segundo ao dicionário está colocada da seguinte forma: “Aplicação da atividade física ou intelectual: serviço: esforço; fadiga; ação ou resultado da ação de uma força; labutação; esmero; inquietação; exercício; obra feita ou via de execução (FERREIRA, 1994. p.1695).

¹⁴ Esta expressão nós ouvimos durante a entrevista. Penso que a utilização “mascarada” é mais uma forma de esconder o seu trabalho. Pois a concepção de trabalho está totalmente desfragmentada. Justifico: perguntei a entrevistada se ela pagaria para cortar a grama de sua casa, ela me respondeu que não, pois as pessoas cobram muito caro em torno de vinte reais (...) No entanto, perguntei se ela compraria um perfume de uma marca famosa. Ela me respondeu que sim e me disse com felicidade que pagara oitenta reais, pelo perfume. O que eu quero justificar é que a concepção de trabalho já esta desfragmentada culturalmente, uma vez que a mão-de-obra não tem todo um valor necessário. Fonte: pesquisa de campo.

¹⁵ A expressão Portal é utilizada pelos moradores constantemente para identificar a Vila Quinta do Portal.

¹⁶ De acordo com o dicionário, a palavra patriarcal significa: relativo ao patriarca (chefe da família); respeitável; venerado; bondoso. (FERREIRA. 1994. p.578).



Conversei com a N.C que trabalha como empregada doméstica há 7 anos, acerca de seu entendimento sobre o que é trabalho para ela: [...] *Prefiro passar fome a ter que me sujeitar as ordens dessas madamas ricas. Elas parecem donas do mundo (...) mas tenho que trabalhar e preciso ajudar em casa. O que é trabalho? É uma forma de ganhar dinheiro. (N.C)*

A posição de classe das mulheres, na força de trabalho, deve ser definida pelos seus papéis como trabalhadora. Para GUARESCHI (1992) há diferentes maneiras de se analisar essas questões, o autor destaca que as relações de gênero servem como uma forma de **relações de classe**¹⁷.

Os homens exploram as mulheres diretamente através de relações de gênero. Nesse sentido, os homens são os “donos” das mulheres, como de qualquer outro meio de produção, e com isso são capazes de apropriar da mais-valia produzida pelas mulheres. Um exemplo crucial, nesse ponto, é o relacionamento na questão do controle sobre a fertilidade das mulheres (P. 235).

Sem dúvida a ideia de trabalho está voltada para a questão econômica do indivíduo, as atribuições que essa sociedade encarregou às mulheres levaram-na a responsabilidade de moralizar a família, constituindo na base da estruturação da vida familiar, na qual era exemplo de mãe, esposa e filha, responsável pelo início de educação dos filhos e pela vigilância constante do comportamento masculino¹⁸.

Sendo assim, a entrada da mulher no mundo do trabalho, segundo ALBORNOZ, (1985, p. 29).

Seja através de uma atividade criativa, artesanal ou artística, seja através de um emprego nos diversos setores da moderna cidade organizada, transforma o modo de a mulher perceber a si mesma e ao mundo.

Um dos fatores decisivos para a emancipação feminina foi, sem dúvida, essa tomada de consciência da sua importância na sociedade e a possibilidade de expressar seus sentimentos diretamente com o mundo¹⁹.

Para CHALHAUB:

¹⁷ Grifo meu.

¹⁸ Ver: SANTOS, L. C. B. A mulher no mundo do trabalho: uma análise histórica acerca dos paradigmas culturais na sociedade patriarcal. RECS. Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia, v. 1, p. 76-84, 2010.

¹⁹ Op. Cit.



Outro ponto fundamental é a relação que se estabelece entre o trabalho e moralidade: quanto mais dedicação e abnegação o individuo tiver em seu trabalho maiores serão os seus atributos morais. Uma das justificativas ideológica fundamentais para o projeto era a intenção de moralizar o individuo pelo trabalho. (1986, p.44)

Encadeando as idéias de CHALHAUB (1986) fica-se evidente na “Rua F”²⁰, este lugar não é uma comunidade ou “região periférica”, mas sim um lugar de identidade, significativo às atividades relacionadas ao conceito de trabalho, na fala dos trabalhadores (a) a presença de pertencimento é constante.

- certa vez em torno das 03h30min da manhã um morador saindo do baile, foi baleado, vieram até a minha casa pedir socorro, prontamente eu o levei para o hospital (...) te faço uma pergunta? Se isso acontece em um bairro de classe media ou alta, será que os moradores iriam ajudar? Eu acho que não. Né! (M.F)

Residir na periferia não significa pertencer ao mudo “marginalizado”, que está construído no imaginário elitista da sociedade, a relação da desigualdade social costuma ser compreendida nas diferenças entre “urbano e suburbano”²¹, sobre tudo enquanto disparidade de renda e educação. Durante a entrevista pedi M.F que fala-se um pouco sobre o seu entendimento acerca da exclusão social e também se ele já passara por alguma situação.

- A exclusão acontece desde o momento que saímos de casa, começando pela roupa que tu veste né! A sociedade te avalia pela sua vestimenta [...]. Olha que interessante, fui à Igreja e acreditava que este era para ser um lugar de união, a pessoa que estava falando sobre uma passagem bíblica, parou seu discurso e disse que era para vir na próxima vez de sapato e calça social (...) ai te pergunto? A religião não uma forma de unir? No outro dia as outras pessoas vieram de sapato e calça social eu continuei indo com os meus tênis.

No entendimento do entrevistado as relações de exclusão estão presentes o tempo todo, os próprios moradores acabam se excluindo. Pensar este contexto não é somente relacionar o individuo nos modelos econômicos e sociais, ou seja, analisar a exclusão na Periferia na via econômica. A Rua F no Portal, pode-se vista como

²⁰ Leia-se Quinta do Portal.

²¹ M.F utilizou esta expressão constantemente.



“dormitório”²², mas o que chama a atenção é o fato de estar relacionado apenas ao trabalho, ou seja, os moradores dormem em suas casas e passam a maioria de seu tempo fora de sua residência.

Fiz uma colocação para o M.F, perguntando o porque a “F” é considerada dormitório.

- Em uma tarde eu chequei cansado em casa, e tinha a policia na rua, o brigadiano me ordenou que coloca-se as mão na cabeça(...) mas ele não pediu já foi me chamando de vagabundo(...) né! Eles não sabem que a maioria são trabalhadores, e só vem para dormir em casa, por isso dormitório, né?

Certamente, tal método utilizado pela ação policial não seria colocado em bairro de classe média, tal procedimento não é estranho na periferia, à restrição com:

“Sábado à noite eu gosto de conversar com as minhas amigas no ‘bar do Renato’ e tomar alguma coisa forte. rs,rs(...). Certa vez a polícia veio e falou que nós todos somos vagabundos. Ai não dá né?” (N.C).

Pode-se notar na fala da moradora é que o Estado repressor vê nos moradores da periferia uma certa “ameaça” para a sociedade, uma vez que a sua participação em seu ambiente social é visto como ociosidade pela polícia. A formação do conceito de trabalho está especificada na periferia na forma, de meios de produção, ou seja, nenhuma novidade, o modelo capitalista “sufoca” o operário, introduzindo o trabalho por certo tempo.

Para THOMPSON (2002.p.289) “frente a isso, não é de estranhar que concebemos o tempo como algo concreto, que pode ser rigorosamente medido”²³. A nossa sociedade, além de perceber o tempo quanto forma de trabalho, insere ao trabalhador a questão de pertencimento.

“hoje eu trabalhei até mais tarde (...) a minha patroa disse que era quase da família (...) até parece que eu não sabia que ela queria que ficasse até mais, né! Gente rica acha que gente da vila são todos burros. (N.C)”

No entanto, para esta moradora o tempo de trabalho está direcionado a questão financeira, ela em seu discurso destacou que a sua patroa tinha usado o termo “quase da

²² Expressão usada pelo M.F para explicar a relação do trabalho, na rua.

²³ THOMPSON. E (2002) descreve com detalhes como a história do relógio acompanhou a da Revolução Industrial na Inglaterra e de que maneira o seu uso se tornou popular.



família”, entenda-se esta questão enquanto a formação paternalista²⁴. Segundo GUARESCH (1992, p. 233) “*as dimensões de gênero, na sua prática econômica, dão ocasião à relação de exploração doméstica*”. A mulher na periferia no âmbito doméstico sente-se desprestigiada no mundo público²⁵, predominando a projeção da ocupação doméstica sobre a realidade.

Por fim, quando elaborei o questionário aos moradores da Vila Quinta do Portal, especificamente da rua f, estava interessado em explorar basicamente as suas percepções sobre dois temas: Trabalho e Exclusão. Pretendia, ao final entender de que modo eles idealizavam o seu lugar na sociedade.

No entanto, tratavam-se de temas que os moradores não estavam habituados a responder, para desenvolver este trabalho, as perguntas foram se criando ao longo das conversas, tinha já elaborado certo questionário, para me orientar, algumas perguntas foram utilizadas e respondidas. De certa forma foi à convivência prolongada com os moradores e as análises teóricas que já tinha desenvolvido que me forneceram embasamentos para continuar a formular perguntas.

Após a entrevista, verifiquei quais exatamente utilizaria para desenvolver este trabalho, além disso, havia entrevista mais curta e outras longas, algumas, sobretudo focalizada na história de vida, em geral das mulheres. Tendo em vista que a proposta desse trabalho foram de analisar as percepções dos moradores acerca do tema Trabalho e Exclusão, o assunto ficava evidenciado nas repostas junto com olhares diferentes entre homens e mulheres sobre a sociedade, os entrevistados concediam as respostas das mesmas maneiras, mas com aspectos diferentes, explico: Ser mulher na periferia significa construir sua identidade dentro da família, como mãe zelosa e dona de casa, ficando-se presente, que os depoimentos das mulheres estavam centrados na família e não no mundo público.

²⁴ Há estudos que apontam este aspecto. Ver, por exemplo, SALEM (1981).

²⁵ Michelle Perrot define a esfera pública, em oposição à esfera privada, como conjunto um conjunto jurídico ou consuetudinário dos direitos e dos deveres que delinham uma cidadania. Mas ele é, também, o local onde os homens e mulheres transitam se encontram ou se evitam. Deste modo, os lugares das mulheres nos espaços públicos foram sempre problemáticos, porque a mulher foi criada para a família e para as coisas domésticas. Sua vocação é ser mãe dona de casa, e, deste modo, ela será benéfica para a sociedade inteira. A revolução francesa, enquanto marco de consolidação para uma democracia ocidental, significou um tempo de fundação no espaço público e contemporâneo, ela definiu o espaço público, político para os homens e o privado, a casa e o coração pra as mulheres. (ver: PERROT, Michele. Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros. Janeiro Paz e Terra. 1988)



Já nas entrevistas com homens, notava-se que eles respondiam baseados em seu cotidiano, os homens não estão “presos” em mundo privado, eles se autodefinem como os “chefes da casa”. A resposta masculina era mais factual, o depoente deteve-se nas estruturas organizacionais da comunidade, quando entrevistado acerca da temática o depoente mantivera como resposta seu cotidiano.

O objetivo do estudo de caso significa propor a “união” entre teorias e práticas, pois utilizando-se do cotidiano e das percepções de moradores da periferia acerca da temática, que está presente em seu dia-dia, é proporcionar ligações acerca das teorias. Entretanto, é necessário ponderar que os entrevistados têm consciência que a sua classificação é algo específico de seu grupo social, pois, as respostas foram apresentadas com base em seus olhares.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da História” in PINSKY, Carla Bassanezi (Org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- ALBORNOZ, Suzana. Na condição de mulher. Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1985.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço urbano. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1989.
- CHALHOUB, Sidney. Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2ªed. Campinas, SP editora da Unicamp, 2001.
- DARNTON, Robert. O Grande Massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 2ª ed., 1996.
- EVANS, P. A tríplice aliança – as multinacionais, as estatais e o capital nacional no desenvolvimento dependente brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- FERREIRA, Aurélio B. Holanda. Dicionário Aurélio básico da língua Portuguesa. Ed.Nova Fronteira S/A, RJ. 1994.
- GUARESCHI, Pedrinho A. Sociologia da Prática social. Petrópolis, RJ: Vozes. 1992
- MARX, Karl. O capital: crítica da Economia Política. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- SALEM, Tânia. “Mulheres Faveladas: com a Venda nos Olhos”, perspectiva antropológica da mulher, nº1, pp. 49-99.



SANTOS, L. C. B. A mulher no mundo do trabalho: uma análise histórica acerca dos paradigmas culturais na sociedade patriarcal. RECS. Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia, v. 1, p. 76-84, 2010. Disponível em : <http://www.sociais.ufu.br/recs/index.php>

PAUGAM, S. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais. Uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004

PETERSEN, Silva Regina Ferraz. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. Anos 90. Porto Alegre/PPG em História da UFRGS, dezembro de 1997

PERROT, Michele. Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros. Janeiro Paz e Terra. 1988.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In. Ética e História Oral. Projeto História. Revista de Estudos pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, Vol.15.1997, pp.13-49.

THOMPSON, Edward Palmer. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TREZZI, Humberto. O Rio Grande Favelado. ZERO HORA, Porto Alegre, 26 de Agosto, 2007. Geral. p. 38.

Recebido em: 29/08/2010

Aprovado pelo Conselho em: 06/09/2010

Publicado em: 31/12/2010